RELAÇÃO ENTRE O AMBIENTE SÓCIO MORAL E A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Heloisa Braga dos Santos
Ana Cláudia Saladini

Resumo: Historicamente a Educação Física foi vista como a disciplina responsável também por "cuidar" do desenvolvimento moral, pois era espaço para que os estudantes se envolvessem em jogos recreativos e/ou esportivos. Na concepção de muitos, respeitar as regras desses jogos por si só garantiria à eles uma formação moral para o resto da vida. Hoje, sabemos que a Educação Física desempenha um papel importante e significativo na formação dos alunos, como qualquer outra disciplina, mas sabemos também que somente respeitar as regras de um jogo (seja ele qual for) não garante que estes alunos desenvolvam-se moralmente. Entre outros fatores, a maneira como o ambiente das aulas é organizado, influencia esse desenvolvimento. Este artigo é fruto dos estudos feitos no trabalho de conclusão de curso "Relação entre o Ambiente Sócio Moral e a Construção da Moralidade nas aulas de Educação Física". De caráter qualitativo, foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, através de observação não participante, acompanhando 4 aulas consecutivas de três professores de Educação Física atuantes no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Como objetivo geral buscou identificar quais as influências do ambiente sócio moral das aulas de Educação Física no desenvolvimento da moralidade dos alunos. Para tanto, partimos inicialmente da caracterização dos dois tipos de ambiente sócio moral: autocrático e democrático com o intuito de identificar a organização desses ambientes e de que forma eles podem contribuir e/ou influenciar no desenvolvimento moral dos alunos. Nos resultados pudemos observar que em um ambiente predominaram ações de respeito unilateral, heteronomia, coerção e autoritarismo, elementos que caracterizam o ambiente autocrático. Enquanto nos outros dois ambientes observados prevaleceram ações de autonomia, respeito mútuo, cooperação e reciprocidade, elementos

que caracterizam o ambiente democrático. Assim como qualquer processo, a mudança e a busca pela autonomia é algo a ser construído, dia após dia. Desta forma, a Educação Fisica, assim como qualquer outro componente curricular, deve estar atenta e fazer parte deste processo de construção e compreensão, contribuindo, de fato, para a humanização dos sujeitos que por ali perpassam, estabelecendo relações igualitárias e justas, a fim de almejarem uma sociedade melhor. Nesta pesquisa, concluiu-se por fim que o ambiente sócio moral presente nas aulas de Educação Física pode influenciar diretamente no desenvolvimento moral dos alunos.

Palavras Chaves: Educação Física; Desenvolvimento Moral; Ambiente Sócio Moral

Introdução

Os aspectos morais estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, dentre eles, a escola. E assim como outras instituições que assumem o papel de abordar sobre essas questões, a escola e os professores também assumem esse compromisso, uma vez que em seu ambiente são construídas as relações sociais. Desta forma, como instituição responsável pela formação de um cidadadão autônomo a escola, em trabalho conjunto com os professores, deve se preocupar com a forma que vem contribuindo para esse desenvolvimento moral de seus alunos, certos de que essa preocupação também faça parte do processo de ensinar e aprender que cada uma das disciplinas deve promover.

Partindo do objetivo de identificar quais as influências do ambiente sócio moral das aulas de Educação Física no desenvolvimento da moralidade dos alunos, caracterizamos os diferentes ambientes socio-morais presentes na escola e como eles são organizados e, posteriormente, analisamos se existiam relações entre os amibientes e o desenvolvimento e/ou construção da moralidade dos alunos. Assim, a partir dos estudos de Vinha (2003) podemos organizá-los didaticamente em ambientes autocrático ou democrático. Em

poucas palavras, um ambiente pode ser denominado autocrático quando visa um “bom comportamento” a partir de um controle externo. Neste ambiente prevalece o autoritarismo, a imposição de regras abusivas, sansões e muitas vezes, ameaças. Já em um ambiente denominado democrático a convivência se dá a partir da reciprocidade, de diferentes pontos de vista e da participação ativa dos indivíduos nos processos de elaboração e construção de diversos fatores que norteiam as aulas.

Analisar o processo de desenvolvimento moral do indivíduo é fundamental pois, não é raro nos remetemos à algo que vem de fora, ou seja, externo. Porém, alguns estudiosos como Jean Piaget (1896-1980), Kohlberg (1972), La Taille (2010), têm nos mostrado que a moralidade do sujeito é construída por meio de inter-relações entre sujeito e o meio social e não adquirida exclusivamente por fatores puramente externos. Assim, a escola, como qualquer outra instituição que deseja formar o sujeito para a autonomia, deve cumprir papel relevante nesta construção e para tanto deve conhecer como se dá o processo de desenvolvimento da moralidade dos alunos.

Desta forma, pesquisar sobre esta temática tão relevante nos dias atuais, é uma oportunidade ímpar de repensar a qualidade das relações sociais presentes na escola e nas aulas de Educação Física. E, para que os professores e outros agentes vinculados ao meio escolar possam compreender a importância destas questões, é necessário que compreendam também que o desenvolvimento da moralidade está diretamente vinculado a estas relações sociais que são construídas e, para que o desenvolvimento moral possibilite um pensamento autônomo, é necessário que a qualidade dessas relações seja objeto de nossa reflexão.

Educação, Educação Física e a Construção da Moralidade

Na atualidade, alguns pensadores como Freire (1980) e Libâneo (1994), entre outros, defendem uma visão de educação como processo de formação humana, que permita um desenvolvimento da personalidade social e pessoal dos indivíduos que estão vinculados a ela. Portanto, identifica-se que a educação já não é mais vista como preparatória para o trabalho ou para uma mão de obra fabril, mas sim como algo diretamente vinculado à uma formação

humanizada e integral de ser humano, sem fragmentações. Nesta concepção, o indivíduo é “educado” em todos os aspectos, sejam eles morais, sociais, pedagógicos, políticos e pessoais, afim de que se obtenha uma formação integral do sujeito.

Este processo de humanização parte do pressuposto que o ser humano é um ser inacabado, em constante aprendizado e ressignificações. Por meio das relações sociais aprendemos linguagens, culturas, condutas e valores, ou seja, aprendemos a condição humana pois não nascemos com ela. Desta forma, a educação deve ser voltada para uma formação sensível, que valorize essas relações e novos conhecimentos a serem adquiridos. Cabe aos professores, responsáveis pelos componentes curriculares, garantir em suas práticas pedagógicas essa formação junto aos nossos estudantes. Então, assim como qualquer outra disciplina vinculada a escola, a Educação Física está diretamente relacionada ao processo de construção, sistematização e ensino de conhecimentos relevantes e significativos a respeito da motricidade humana para a formação de cidadãos, visando sua autonomia.

Historicamente esta disciplina foi vista como a disciplina que devia “cuidar” do desenvolvimento moral, preparando sujeitos ágeis, fortes e resistentes para atuarem ou no chão das fábricas, ou no campo de batalhas ou nas quadras/campos esportivos (SALADINI, 2006). A partir de 1980, alguns autores brasileiros como Freire (1989), Daólio (1994/2004), Betti (2009), Neira e Nunes (2008), Palma et al. (2008/2010), entre outros, têm pesquisado sobre o campo da Educação Física no que diz respeito a sua concepção, qual seu referencial teórico e sua real finalidade na escola. Desta forma, como qualquer outro componente curricular, a Educação Física tem seu grau de importância e deve transmitir aos educandos conhecimentos relevantes e significativos para sua formação de cidadão, visando a autonomia e a criticidade.

Atualmente a Educação Física deverá ocupar-se em organizar situações de ensino e de aprendizagem que contribuam para que os estudantes possam construir e compreender a sua motricidade. Não se trata de explicar o movimento humano pela ótica biologicista exclusivamente. É considerar, para além disso, o movimento humano em seus aspectos políticos, sociais, psicológicos, ente outros. É ampliar a nossa compreensão a respeito do ser

humano que se movimenta e apropria-se do mundo, construindo-o e construindo-se.

Ensinar implica em um processo de “desencadear conflitos, é tornar claro o choque entre ignorância e informação, entre alienação e consciência político-social, entre perplexidade e compreensão, [...] etc.” (MORAIS, 1986, p. 33). O professor deve, junto aos alunos, propiciar estes enfrentamentos para que a aprendizagem seja um objetivo alcançado. Desta forma, é necessário que o docente tenha a consciência de que terá um papel único e determinante na vida de seus educandos, pois é através da intervenção, das trocas de experiências e da reciprocidade em sala de aula, que este educando será capaz de compreender e reelaborar seus pensamentos e, acima de tudo, ampliar seus horizontes para viver autonomamente em sociedade. Assim “cabe ao professor querer tentar, sinceramente, contribuir para que seus alunos divisem, no horizonte amplo de viver, as tenções e as distensões necessárias; que haja a hora de rir e a hora de chorar, a hora de lavrar, a hora de colher e festejar.” (MORAIS, 1986, p. 37).

Não vemos nenhuma instituição educativa propondo em seus currículos uma formação acrítica e que transforme seus educandos em sujeitos submissos, muito pelo contrário; as propostas de ideais autônomos, éticos e morais estão presentes em todas elas. (MONTOYA; FRANÇA; BATAGLIA, 2016). Desta forma, faz-se necessário uma reflexão sobre a qualidade dessa educação que está sendo ofertada e das relações que são estabelecidas no cotidiano educacional/escolar.

Quando analisamos a Educação Escolar consideramos diferentes pessoas que são submetidas aos mesmos métodos de ensino (métodos estes que estão diretamente vinculados as questões de valores, concepções de mundo, justiça e de sociedade). Deste modo, conhecer como os alunos se desenvolvem moralmente é um saber necessário para que o professor de Educação Física possa fazer uma intervenção adequada, apropriando-se desses valores e oferecendo um ambiente propício para a aprendizagem a fim de contribuir para que a escola cumpra seu papel de formar o cidadão.

Para Piaget (1932) e Kohlberg (1981), a moral está relacionada às estruturas lógicas do pensamento construídas pelos sujeitos. Sendo assim,

“Toda moral consiste num conjunto de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (PIAGET, 1994, p. 23). Sua teoria nos mostra três estágios para o desenvolvimento moral destes indivíduos: a anomia (pré-moral), heteronomia e autonomia que estruturam-se simultaneamente com os estágios do desenvolvimento cognitivo.

A anomia é considerada por ele como pré-moral. A criança nessa perspectiva, ainda não adentrou no campo moral. Isso significa que neste estágio de desenvolvimento ela possui uma ausência total das regras, portanto, não sabe o que é ou não adequado a se fazer. Esse período prevalece até aproximadamente 2 anos de idade. Já a heteronomia é caracterizada pelo respeito indiscutível por uma autoridade maior e externa ao sujeito. Em outras palavras, no estágio heterônomo o sujeito não consegue compreender pontos de vistas distintos e divergentes dos seus e possui um sentimento de obrigatoriedade em respeitar a regra que emana das pessoas que representam a autoridade. Nesta fase prevalece a coerção e o respeito unilateral do indivíduo. “A criança pequena ainda não compreende o sentido das regras, mas as obedece porque respeita a fonte delas (os pais e as pessoas significativas para ela).” (VINHA e TOGNETTA, 2009. p. 528).

É necessário que compreenda-se que o estágio heterônomo é antecedido pela anomia e sucedido pela autonomia, ou seja, esses estágios não são independentes, ao contrário, são interdependentes. As relações de coação na fase da heteronomia podem ser consideradas a partir de duas vertentes: a primeira é quando a heteronomia é vista como um problema ou impedimento/cerceamento para a finalidade do desenvolvimento moral, que é a autonomia. Quando as relações sociais priorizam a coerção e o respeito unilateral, a conquista de uma moral autônoma fica prejudicada. A segunda vertente é quando esse estágio é tratado como uma necessidade que o sujeito tem de ser governado por alguém. A criança necessita dessas relações para adentrar no mundo da moral; há uma necessidade de que uma autoridade externa a liberte para suas ações. Em outras palavras, a heteronomia é a porta de entrada para uma condição autônoma e emancipada de sujeito e de relações sociais.

A autonomia pode ser considerada como a meta deste desenvolvimento moral. Esta fase é caracterizada pelas relações de cooperação, fundamentadas em relações socais nas quais predomina o respeito mútuo. O sujeito conhece as regras e as compreende a partir de uma descentração, ou seja, ele passa a compreender diferentes pontos de vista e supera esta obediência pautada na coerção (heteronomia) e suas ações passam a ser pautadas na reciprocidade. Pode-se dizer que o desenvolvimento moral está sendo bem sucedido quando esse controle passa a ser interno (autocontrole) e a obediência as regras não é mais dada a partir do olhar de um adulto, mas de si mesmo, ou seja, "[...] a fonte das regras não está mais nos outros, na comunidade ou em uma autoridade (como na moral heterônoma), mas no próprio indivíduo (auto regulação)" (VINHA e TOGNETTA, 2009. p. 529).

A partir dos estudos de Piaget (1932), podemos identificar que para o desenvolvimento moral, o sujeito, na medida em que se relaciona com o mundo, elabora os estágios de anomia, heteronomia e autonomia. Assim, na medida em que vão sendo consolidadas as relações sociais entre professores e educandos, torna-se evidente as atitudes/intervenções que, podem tanto promover como retardar o desenvolvimento dos alunos. (DE VRIES; ZAN, 1998). Assim, para compreendermos melhor como a escola e a ação docente podem interferir no desenvolvimento moral dos alunos, é necessário refletirmos sobre a organização do ambiente sócio moral que prevalece nas escolas, em especial, nas aulas de Educação Física e como estes ambientes estão relacionados com os estágios do desenvolvimento moral apresentados acima.

"Afirmamos, anteriormente, que o ambiente sócio moral é toda a rede de relações interpessoais que forma a experiência da criança na escola." (DE VRIES; ZAN, 1998, p.31). Desta forma, de acordo com Vinha (2003) estes ambientes organizam-se didaticamente em autocrático e democrático.

O ambiente denominado autocrático refere-se ao "bom comportamento" a partir de um controle externo. Nele o autoritarismo prevalece, a imposição de regras abusivas e, muitas vezes, desnecessárias, também. Quando o ambiente é autocrático, os alunos respeitam as regras por imposição e/ou por medo de futuras punições, como mencionado acima. Desta forma, se a sala de aula caracterizar-se como um ambiente sócio moral autocrático (ou

coercitivo), no qual os alunos não compreendem e são coagidos a todo momento, a moral que prevalecerá será a heterônoma. Assim “uma postura autoritária pode ser eficiente na instalação da moral heterônoma, mas não oferece condições para preparar a criança para a superação da heteronomia em direção à autonomia.” (VINHA e TOGNETTA. 2006. p, 5).

Em contrapartida, em um ambiente democrático os alunos fazem parte do processo de construção e elaboração das regras e relacionam-se a partir da reciprocidade, convivendo com diferentes pontos de vista, no qual pauta-se uma moral autônoma. Um ambiente democrático só é possível quando há respeito mútuo entre os sujeitos, no qual os alunos respeitam as regras e as compreendem, sem que eles limitem-se a obedecê-las. Porém, para que isso aconteça, é necessário que o professor compreenda que este processo é necessário para a formação de seu aluno e que ele, por meio de suas intervenções, deve mobilizar cada criança partindo do comportamento heterônomo para um caminho que vise a autonomia.

A maneira como estes ambientes são organizados (autocrático ou democrático) influenciam diretamente no desenvolvimento dos indivíduos inseridos no meio escolar. A caracterização desses ambientes se dá a partir de vários fatores: a linguagem que o educador utiliza-se para com os alunos, as sanções presentes nas aulas, origem e elaboração das regras, os tipos de respeito entre alunos e professores, entre outros fatores. Desta forma, é necessário que estes elementos sejam analisados em conjunto para identificar-se qual ambiente prevalece em nossas aulas e qual relação pode-se estabelecer com a formação de nossos alunos.

De caráter qualitativo, essa pesquisa de campo foi realizada através da observação não participante (o observador não interferiu na pesquisa). (RICHARDSON, 1999). O instrumento utilizado nesta pesquisa foi um roteiro de observação semiestruturado construído a partir do aprofundamento teórico de nossa temática e que nos permitiu registrar as ocorrências durante as aulas e, posteriormente, analisar o tipo de ambiente que prevaleceu (RICHARDSON, 1999). Este roteiro foi composto por sete itens: 1) Procedimentos adotados para resolução de conflitos interpessoais; 2) Conteúdos ensinados nas aulas assistidas; 3) Adesão às normas e regras; 4) Procedimentos de ensino adotados

pelo professor; 5) Relação Professor e aluno; 6) Conflitos surgidos nas aulas; 7) Sanções.

Foram observadas 4 aulas consecutivas de Educação Física**,** de três professores atuantes em escolas públicas do município de Londrina, no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). Cada um desses professores atendeu ao seguinte critério: de um a quinze anos de atuação profissional em Educação Física, com experiência escolar mínima de um ano no Ensino Fundamental I. Estes professores foram observados em seus ambientes de trabalho (quadra, salas, etc.) e nos seus respectivos horários de atuação e foram mencionados nesta pesquisa como P1, P2 e P3, respeitando a ordem em que foram observados, não havendo distinção de gênero e garantindo o sigilo da identidade dos mesmos. Sendo assim, as informações coletadas e analisadas foram categorizadas através de duas categorias temáticas, sendo elas: 1) Ambiente Sócio Moral Autocrático 2) Ambiente Sócio moral Democrático. Dentro de cada categoria sistematizada, estão presentes os acontecimentos relacionados aos itens que constavam no roteiro de observação descritos anteriormente.

AMBIENTE SÓCIO MORAL AUTOCRÁTICO

Sabe-se que um ambiente autocrático visa um bom comportamento a partir de um controle externo; controle este que se dá por meio do autoritarismo e da ameaça. “Para manter a obediência, conseguir o silêncio e o bom comportamento, a professora valia-se de ameaças e sanções expiatórias, como por exemplo, deixar as crianças sem o recreio ou retirar a Educação Física” (TOGNETTA e VINHA 2011, p.15). Diariamente ouvimos discursos sobre formação autônoma e emancipatória, porém nem sempre isso acontece na prática diária das escolas, prevalecendo assim as sanções expiatórias e as regras duramente impostas por docentes que acreditam que esta pratica contribua para o desenvolvimento dos alunos.

Na escola em que o P1 atuava observamos situações que, com base nessas concepções, interferem no desenvolvimento dos alunos e na organização do ambiente em que estão inseridos. No decorrer de suas aulas observamos que os procedimentos adotados pelo P1 estiveram na maior parte

do tempo fundamentados em uma postura irônica. Utilizava-se de expressões como:

> *Para com isso, você não tem mais idade e nem eu para aguentar* Ou ainda: *Eu estou tentando falar, da licença pra mim, o tempo está passando, estão fazendo muito barulho. Será que vou ter que gritar mais alto para vocês me ouvirem? (P1).*

Quando os alunos atendiam à exigência de silêncio, o professor utilizava-se desse tempo para fazer sermões para a turma toda, mesmo não sendo todos os alunos que estivessem atrapalhando. Nesta situação, o conteúdo a ser ensinado era deixado de lado. No decorrer de suas aulas, P1 realizava um pequeno número de intervenções relacionadas ao conteúdo que deveria ser estudado, havendo poucos questionamentos, permanecendo na maior parte do tempo preocupado com a organização do material e da atividade a ser realizada. Em uma das aulas, pediu para que os alunos se dividissem em duplas para realiza-la. Estes alunos não respeitavam o local indicado, apresentavam dificuldades em se organizar e antecipar suas ações (como colocar as vendas antes de iniciarem a atividade), e o professor não interferia na ação. Quando o fazia, usava expressões como:

> *Para, chega, por favor!! Andem logo porque temos pouco tempo de aula. Vocês ficam o tempo todo conversando enquanto eu explico, por isso não entendem.* Ou ainda: *Será que vocês vão fazer silêncio para eu explicar, ou vamos ter que voltar pra sala pra eu passar conteúdo no quadro? Se quiserem posso dar minha aula lá dentro, como a gente 'tava' fazendo até tempos atrás! Vocês que escolhem... (P1)*

Sabemos que o silêncio é importante para que as pessoas consigam relacionar-se de forma mais adequada, mas é necessário que as crianças compreendam isso e possam, juntas com o professor, responsabilizarem-se pela organização do ambiente da aula.

As crianças se desenvolvem por meio das relações estabelecidas com os outros e por meio destas relações constroem noções de valores, respeito, igualdade e justiça. Porém essas relações, principalmente no âmbito escolar devem ser mediadas pelo professor e terem asseguradas a sua qualidade. Em um ambiente organizado com base na coerção e no autoritarismo, a moral que prevalece é a heterônoma, pois só está formando sujeitos para serem regulados por uma autoridade externa e não por si mesmos, sem

desenvolverem a capacidade de se colocarem no lugar dos outros, tendo como características o egocentrismo e a submissão (obediência). A heteronomia é necessária, mas a superação dela é o que faz o sujeito desenvolver-se moralmente.

Observamos que P1 passava o maior tempo chamando a atenção dos alunos sobre comportamentos tidos como "inadequados", do que propriamente dando aula (ensinando sobre o conteúdo) e em alguns momentos houve alterações do tom de voz com os alunos. Ressaltamos que são evidentes os conhecimentos específicos sobre o que está sendo proposto pelo P1; sobre os mais variados conteúdos da Educação Física e sobre de que forma essas propostas podem influenciar no desenvolvimento desses alunos. Porém, no momento da transposição didática e da intervenção, esse conhecimento fica prejudicado, pois a todo momento se utiliza de subsídios (como a ironia) para se relacionar com seus alunos, quer seja nas brincadeiras e descontrações que, sem entenderem os alunos riem, quer seja nas correções coletivas. O que está sendo enfatizado aqui não é o conhecimento do professor referente aos conteúdos de sua disciplina como mencionado anteriormente, mas sim a forma como ele organiza o ambiente de sua aula.

Durante as aulas observadas não presenciamos o professor realizando alguma explicação ou revisão das regras anteriormente combinadas, muito menos que se a turma se organizasse antes e ficasse no local indicado, a atividade e a aula durariam mais tempo. Eram frequentes expressões como:

> *Vocês só me dão trabalho! Eu 'tô' cansado de chamar atenção de vocês! As pessoas passam na rua e acham que eu sou louco, porque só me ouvem gritando! Não aguento mais. (P1).*

Muitas vezes o professor se vê sem ação; talvez a única maneira que ele encontre de resolver a situação em meio aos conflitos ou desconfortos, seja utilizar-se dessas expressões. Sabemos dos muitos problemas que as escolas e os professores têm enfrentado com relação a organização dos ambientes de aula. Portanto, percebe-se nessa situação específica, o esforço do professor em garantir a organização para que a aula aconteça da melhor maneira possível. Sobre essas relações De Vries e Zan (1998, p. 194) consideram que "O desafio de socializar crianças é descobrir como ajuda-las a controlar seus impulsos,

pensar além do aqui e agora e tornarem capazes de refletir sobre as consequências de suas ações". Desta forma, a maneira como o professor faz a mediação das relações, dos conflitos e problemas, é o que vai caracterizar as suas aulas e seu ambiente. Se ele estabelecer o ambiente sócio moral de suas aulas de modo autoritário, consequentemente a moral que prevalecerá será heterônoma, resultante das relações de respeito unilateral e submissão (VINHA 2003).

A moral não é dada, mas sim construída por meio das relações sociais estabelecidas. Quando essas relações são mediadas de uma maneira que contribua para o desenvolvimento dos sujeitos, a superação dessa heteronomia é garantida. Pensar e repensar as práticas pedagógicas que norteiam as ações diárias dos professores, é o primeiro passo para uma formação emancipatória e crítica. Muitas pessoas discursam sobre "as questões morais não serem de responsabilidade do professor de Educação Física", mas compreendemos que é justamente ao contrário. Se é verdade que outros fatores exteriores ao ambiente escolar podem prejudicar ou contribuir para esse desenvolvimento, também é certo que a escola e seus professores podem oferecer outras oportunidades para os alunos para que estes reconheçam diferentes formas de se relacionar e aprender e isso é tarefa não só da disciplina de Educação Física, mas da escola como um todo.

AMBIENTE SÓCIO MORAL DEMOCRÁTICO

Para que um ambiente sócio moral seja apropriado ao desenvolvimento humano, é necessário considerar os alunos como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, "garantindo-lhes espaço em que exercitem e experienciem situações de cooperação entre eles e que igualmente percebam as situações de não cooperação e suas consequências. (MONTOYA; FRANÇA; BATAGLIA, 2016, p. 65). Vimos anteriormente que em um ambiente democrático a criança faz parte do processo de elaboração e construção das regras, relacionando-se a partir da reciprocidade e do respeito mútuo, prevalecendo assim uma moral autônoma. "É importante não confundir autonomia com individualismo ou liberdade para fazer o que bem entende, pois na autonomia é

preciso coordenar os diferentes fatores relevantes para decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos". (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 528). Assim, ao invés de obedecê-las por medo de futuras punições, eles se autorregulam e cooperam para um bom andamento da aula. "Cada regra, quer seja imposta sobre a criança mais jovem por aquela mais velha, quer sobre a criança pelo adulto, começa sendo algo externo à mente, antes de ser realmente interiorizada" (PIAGET, 1932/1965, p. 185).

Em nossa pesquisa entre os professores P2 e P3, observamos que o P3 dividia as tarefas do dia. Sorteava dois ajudantes na lista presa à parede, que seriam responsáveis por auxilia-lo durante a aula. Esses ajudantes eram responsáveis por entregar e recolher os cadernos (quando a aula era em sala), a organizar as equipes quando eram realizadas aulas na quadra, ajudar a separar os materiais necessários para as atividades, a organizar o restante da turma para irem para a quadra, entre outras funções. Quando alguns alunos dispersavam-se na correção das atividades, P3 utilizava-se de expressões como:

> *Você está conversando muito. Está conseguindo acompanhar a correção? Se estiver, tudo bem! Do contrário se concentre, depois você conversa.* Ou ainda *"Porque ouço tanto você conversar? Você já se organizou com sua atividade? Os meninos aqui reclamaram que não conseguem se concentrar porque você está falando muito alto... como podemos fazer para não atrapalhar os colegas? (P3)*

Notamos também que os alunos eram sempre muito bem organizados. Não respondiam uns aos outros de maneira ríspida, muito menos ao professor. Quando algum aluno tinha alguma dúvida, todos ouviam com atenção para tentarem auxiliá-lo na resposta e, sempre que necessário P3 respondia às perguntas e fazia outras, para que os alunos pudessem refletir constantemente. Em uma aula sobre o conteúdo organização espaço-temporal para o 3º ano, os alunos estavam fazendo a correção da atividade da aula anterior, que foi de conhecer os espaços da escola e construir uma planta da mesma. Identificando que alguns alunos sentiam dificuldades para concluir a atividade, P3 iniciou uma revisão e correção do conteúdo com a turma toda. Uma das alunas perguntou:

> *Professor(a), eu preciso mesmo escrever dentro e fora no meu desenho?* Respondendo, ele diz: *Se você não escrever, vai*

> *conseguir se localizar no seu desenho? Tudo que você sinalizar, poderá te ajudar a entender depois não é? Então pense se é necessário e decida. (P3).* Outro aluno ainda acrescenta: *Professo(a), posso desenhar pessoas na minha folha? (Estavam desenhando a planta da escola).*

Respondendo, ele diz:

> *Pode, mas lembrem-se que estudamos proporção de tamanho na aula passada. As pessoas são maiores que as árvores que temos na escola? São maiores que as carteiras da nossa sala? Pensem... Então concentrem-se! (P3)*

Fazer com que o aluno seja sujeito de si e que, por meio das mediações e intervenções, possa se autorregular é o que caracteriza, dentre outros fatores, um ambiente democrático. Neste ambiente apresentado acima P3 faz o papel de interlocutor e/ou mediador, mostrando os caminhos e intervindo nas ações e relações cotidianas que são estabelecidas. Importante destacar que ele retoma questões fundamentais a serem pensadas pelas crianças, mas a decisão é delas. Desta forma, são as próprias crianças que vão regular suas ações para darem conta, parcialmente ou totalmente, das questões apontadas pelo professor; não é ele quem faz a opção mas sim as crianças, através da reapresentação constante do professor. Desta forma, toda a intervenção do professor tinha como norte os seus objetivos educacionais.

Na escola em que o P2 atua, não é muito diferente. Os alunos vão para a quadra de maneira organizada, (caminhando pelo corredor até chegarem na quadra) sentam-se em círculo e aguardam a professora no lugar; sem correrias e sem nenhum comando do professor, um dos alunos nos relatou informalmente que esse era um “combinado” feito entre a turma e o professor no início do ano, para “aproveitarem mais o tempo da aula”. Na recapitulação dos conteúdos, um aluno começa a falar alto o que prejudica a turma rapidamente o P2 intervêm:

> *Por favor, eu estou pedindo respeito para o nosso colega falar, o que combinamos? (P2)*

No momento dessa intervenção, os alunos estavam sentados em círculo, acompanhando a explicação e recapitulação feita pela professora. Quando esse aluno começa a falar alto, prejudicando a turma, educadamente a professora o relembra do que combinaram no início do ano.

Ao observarmos esses dois professores (P2 e P3), identificamos também que a linguagem que eles utilizavam para realizar as intervenções e dialogar com os alunos era bem diferente do que encontramos na primeira escola. Eles utilizavam-se de uma linguagem descritiva, sem emissão de julgamentos pessoais. Nem sempre o que falamos é o que as pessoas compreendem. Quando o educador utiliza-se de uma linguagem que não julgue, humilhe ou exponha seus alunos, está contribuindo para que eles se desenvolvam e passem a olhar para si de forma mais positiva. Então, quando os alunos são ouvidos e a ação do professor os auxilia a comunicar seus sentimentos e suas emoções, a qualidade das relações contribui para o desenvolvimento moral desses alunos. A linguagem utilizada na escola precisa ser repensada; precisamos compreender que, o que e como os professores falam é muito importante para os alunos, pois eles os consideram como referências para além dos muros da escola. (WREGE et al. 2014). Expressões como "*Por favor", "com licença", "concentre-se", "todos estão juntos comigo na correção do trabalho?" "Você já se organizou com a sua atividade?"*, eram constantes nas aulas do P2 e P3, mas em nenhum momento expunham os alunos. "A correção útil é a direção. Ela descreve processos. Não julga produtos ou pessoas". (GINOTT, 1973 apud WREGE et al, 2014, p. 126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos negar as dificuldades diárias que os professores têm encontrado na escola como a falta de respeito, manifestações de incivilidade, conflitos interpessoais e tantas outras ocorrências que acabam por colocar as aulas e até mesmo as escolas, em um ambiente caótico. Não podemos negar também a necessidade de que o ambiente de aula tenha o mínimo de organização como, por exemplo, o silêncio e o respeito, para que as relações sociais possam efetivamente acontecer com qualidade

Ensinar é algo que nasce em um compromisso de vida, de uma paixão pelo saber e de um gosto pelos encontros humanos. E evidentemente ensinar é um processo de desencadear conflitos". (MORAIS, 1986, p.32). Quando o professor compreende que por meio de sua intervenção é capaz de transformar pessoas e ressignificar pensamentos e tem clareza de como o ambiente de suas

aulas pode influenciar no desenvolvimento moral dos alunos, o esforço dele será para manter um ambiente democrático. Porém, nem sempre a compreensão do professor garante esse desenvolvimento, uma vez que ele é construído por meio das relações sociais estabelecidas nas aulas. Desta forma, a partir da compreensão do professor sobre a importância de seus alunos participarem de maneira ativa no cotidiano de suas aulas e que por meio dessas participações serão construídas relações de cooperação, de trocas de experiências e de aceitação de pontos de vistas distintos, o ambiente poderá influenciar positivamente no desenvolvimento moral dos alunos que ali estão.

REFERÊNCIAS

DE VRIES, R; ZAN, B**. A Ética na Educação Infantil**: um ambiente sócio-moral na escola. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética:** dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Moral e Ética: uma leitura psicológica. **Revista online SciElo.** São Paulo. 2010 – *disponível em: h*ttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500009> Acesso em 25 de novembro.

MONTOYA, A. O. D; FRANÇA, C. A. P. R; BATAGLIA, P. U. R. **Abrigo ou Casa?** Desenvolvimento moral de crianças e adolescentes abrigados. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2016.

MORAIS. R. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986

PIAGET, J. O Juizo Moral na Criança. São Paulo; Summus, 1994 (1932)

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008.

SALADINI, Ana Cláudia. **A educação física e a tomada de consciência da ação motora da criança**. 2006. 224 fls. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática,** Campinas: Editora Mercado de Letras, 2011

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

VINHA, T. P; TOGNETTA, L.R.P. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.

_____. Considerações sobre as regras existentes nas classes democráticas e autocráticas. **Educação Unisinos,** São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Vol. 10 nº1 – jan/abr 2006, p.45-55

WREGE, Mariana Guimarães et al. A Linguagem do educador e a Autonomia Moral. **Schème. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marilia, SP, v 6. n 2. , Ago-Dez 2014. Disponível em: <http:/www.marilia.unesp.br/scheme>. Acesso em: 26 nov. 2016.

Sobre as autoras:

Universidade Estadual de Londrina

heloisabraga16@hotmail.com

anaclaudiasaladini@gmail.com